

O LUGAR DA INFÂNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

ORIENTAÇÕES PARA O ALUNO

A infância nem sempre é tratada com a devida atenção nos âmbitos da educação formal ou informal; e, mais recentemente, práticas próprias do universo adulto têm sido incorporadas a essa fase de forma mais evidente, com o incentivo ao consumismo ou mesmo à sexualização precoce do corpo. Além de deixar o espaço do lúdico em segundo plano, essas transformações geralmente levam à reprodução de características e valores sociais praticamente naturalizados nos modos de vida contemporâneos. Confira os textos a seguir para entender um pouco mais sobre o assunto.

TEXTO 1

Cidade para crianças – espaço público – São Paulo

A quem não é criança, o crachá é absolutamente necessário para entrar no imenso espaço da KidZânia, uma cidade infantil instalada no subsolo do shopping Eldorado, localizado na zona oeste de São Paulo. Sem ele, a polícia do local – formada por crianças de 4 a 14 anos – é autorizada a retirar o invasor. Soa esquisito à primeira vista. Como pode haver uma cidade dentro de um estabelecimento comercial? E, nessa cidade, uma polícia infantil?

Em funcionamento desde dezembro de 2013 no Brasil, a KidZânia reproduz uma cidade fictícia para as crianças, dando a elas a possibilidade de assumir papéis de profissionais adultos. Ao todo, há 52 atividades disponíveis, desde brincar de ser médico ou jornalista da Folha de S.Paulo a tornar-se um bombeiro ou fotógrafo da Nikon.

[...]

De domingo a domingo, a cidade recebe visitas em dois turnos: das 9h às 14h e das 15h às 20h. A entrada pode ser confundida com uma fila de check-in da TAM no aeroporto – o ingresso é de fato um bilhete de embarque. Após atravessar um detector de metais, a criança recebe um cheque no valor de 50 kidZos (moeda local), que deve ser trocado por cédulas de dinheiro no banco Bradesco.

Com os kidZos em mãos, ela tem cinco horas para gastá-los nas atividades pagas – como a fábrica de chocolate da Copenhagen e de ketchup da Heinz – ou ainda aumentar seus ganhos exercendo profissões. Ao final da experiência, o dinheiro que restar fica guardado em uma poupança no mesmo banco e pode ser usado em futuras visitas. Para deixar o local, é necessário passar por um Centro de Imigração e Alfândega.

[...]

Edutenimento

Presente em 18 cidades de 15 países, a KidZânia surgiu em 1999, no México, e se orgulha de levar o conceito de “edutenimento” (educação + entretenimento) para diversas crianças do mundo. “Nosso foco não é a diversão, mas sim a educação que transmitimos

de uma maneira muito natural e sutil para as crianças por meio da linguagem delas, que é o brincar. De uma forma que elas não percebem, conseguimos passar um pouco de conteúdo educacional relacionado a cada atividade”, afirma Pedro Faria, gerente de conteúdo da KidZânia.

[...]

Para Lucio Medina Mattos, gerente de comunicação do empreendimento, aos poucos, as pessoas estão entendendo que é um investimento que vale a pena. “Se deixar o filho no fliperama e ficar comprando ficha, talvez gaste isso em duas horas. Aqui, a criança tem cinco horas e todo um agregado educacional.”

[...]

Mini shopping

“O que queremos é uma cidade real adaptada para as crianças”, aponta Faria, ao justificar a presença de mais de 20 empresas reais na cidade de mentira. No espaço de 8.500 m², tudo é permeado por marcas de grandes empresas brasileiras e estrangeiras, o que aumenta a sensação de se estar passeando por um mini shopping a céu aberto – no teto, um desenho feito pelo grafiteiro Eduardo Kobra reproduz um final de tarde.

[...]



Reprodução de céu e árvore.

Cidade para o consumo

Embora não haja interferência das marcas no conteúdo, a hipertextualização a elas pode deixar as crianças em uma situação vulnerável. Essa é a opinião de Ana Claudia Leite, coordenadora de Educação e Cultura da Infância do Instituto Alana, após ter visitado a KidZânia em fevereiro. “É inegável que o apelo ao consumo é muito forte. Essas marcas são apresentadas para as crianças de uma forma lúdica, em um espaço que se diz educativo”, observa. “Se o intuito é falar das profissões para os pequenos, por que não se mostra como trabalha um chapeiro, sem necessariamente associá-lo à marca Burger King?”

Como pedagoga, Ana Claudia chama a atenção para um modelo de cidade que prioriza serviços privatizados e assume a lógica do 'eu sou alguém que executa uma tarefa, ganha por isso e depois consome na cidade'. De acordo com ela, é muito ruim que uma cidade voltada para crianças não tenha um espaço público, um espaço verde. "É uma cidade que tem muitos serviços e ambientes profissionais, mas nenhum espaço de lazer e convivência: não tem um parquinho, grama, natureza", reclama.

[...]

Para ela, o modo de vida atual permite a proliferação de muros, câmeras – no KidZânia são exatas 332 – shoppings para confinar as pessoas, que perdem o direito de ir e vir na cidade. "A tal cidade fictícia potencializa justamente o que temos de pior na sociedade. Esse modelo é muito questionável, e reproduzi-lo não contribui para a formação das crianças em uma perspectiva de educação integral, em que a cidade faz parte da formação."

Ana Claudia credita o sucesso do empreendimento, que pode ter mais duas unidades lançadas no Brasil, à falta de opções dos paulistanos quanto aos espaços públicos. "Me entristece saber que, de repente, essa passa a ser uma das opções mais bem cotadas para os programas familiares, mesmo sendo um investimento caro, um espaço excludente por natureza. É um programa para poucos, e acaba por reforçar o ciclo da sociedade de consumo, pautado pelo que temos e não pelo que somos."

Mas nem todos os visitantes da KidZânia pensam como Ana Claudia. Flávia, mãe de Camila – que, aos cinco anos, adora brincar de ser modelo –, avalia que a experiência foi interessante. "Estimula as crianças, ela amou." Já Ana Lúcia, mãe de Mariana e professora de Ensino Fundamental, afirma que a proposta não é ruim, mas precisa ser melhorada. "Tem muita coisa interessante, como conceitos de cidadania. Ao mesmo tempo, vejo lojas oferecendo produtos a preços abusivos, como a Copenhagen. É um fictício que se mistura com o real. Não dá pra dizer que é tudo horrível nem que é tudo bom", pondera, enquanto a filha participa da oficina de rádio nas cabines da CBN.

[...]

O fato de as crianças se divertirem não é, segundo Ana Claudia, um indicador de qualidade do ambiente. Ao contrário, ela afirma que os impactos da proposta da KidZânia devem ser medidos no âmbito do invisível. "Se tomarmos o parâmetro da criança estar se divertindo ou não, cabem muitas coisas: games, desenhos animados, brinquedos de shopping. Nesse lugar, por exemplo, o potencial da imaginação é perdido. E, no fim das contas, essa é a força maior do brincar: exercer a autonomia, a criatividade, a imaginação e a interação com os demais."

Já a arquiteta e urbanista Irene Quintáns critica a lógica do "produzir para consumir", que sustenta as atividades. A diretora da Red OCARA e vice-presidente da IPA Brasil, especialista no debate sobre crianças e cidades, diz-se preocupada com a naturalização dessa experiência. "A criança é muito sensível a tudo. Ela vai incorporar como normal que esse tipo de lazer ocorra em um espaço como o shopping, assim como esse espírito de ser um produtor na sociedade capitalista."

[...]

Adultização da infância

KidZânia significa 'a cidade das crianças legais'. "É a cidade onde elas idealizam e criam pensando no mundo chato dos adultos e adquirem a independência de viver em um local onde trabalhar é divertido", explica Faria. De fato, nas ruas da cidade fictícia, os meninos são chamados de senhores – que podem ir à barbearia para colocar barba e bigode –, e as meninas se convertem em senhoritas – que podem desfilarem na passarela como modelos de sucesso.



(Danilo Mekari)

Menino com barba postiça e pizza produzida por ele.

"É preciso mesmo reproduzir a vida tal como ela é? Ou preparar a criança significa possibilitar aprendizagens para que ela desenvolva suas habilidades de uma forma integral e plena?", questiona Ana Claudia. "Na KidZânia, não tenho dúvidas de que elas são conduzidas a viver a vida de um adulto", conclui.

MEKARI, Danilo. "KidZânia: a cidade contra a infância". Portal Aprendiz. 30 mar. 2015. Disponível em: <www.portal.aprendiz.uol.com.br/2015/03/30/kidzania-a-cidade-contra-a-infancia/>. Acesso em: 30 dez. 2019.

TEXTO 2

Crianças brincam menos e ficam dependentes dos adultos e da tecnologia

Para antropóloga, falta de tempo dos pais para o lazer e apelos de consumo levam ao abandono do tempo livre e das brincadeiras criativas

Rodeadas de tecnologia e de pais sem tempo para lazer, uma geração de crianças hoje cresce sem saber brincar, perdendo parte importante de sua formação. A opinião é da educadora e antropóloga Adriana Friedmann, uma das fundadoras da Aliança pela Infância, movimento que pretende levantar a discussão sobre a importância do brincar no cotidiano infantil. [...]

Por que a necessidade de criar um movimento para resgatar as brincadeiras? As crianças hoje brincam menos?

As crianças hoje brincam cada vez menos, pois ficaram dependentes dos brinquedos e produtos tecnológicos que o mercado oferece e que os pais têm comprado, motivados mais pelo marketing do que pela consciência de que esses produtos são adequados. Raramente vemos, hoje, pais e mães brincando com seus filhos. A vida corrida, falta de tempo de lazer e a invasão de smartphones,

videogames e computadores estão transformando drasticamente os vínculos familiares e o tempo de lazer. Nas escolas, o tempo do recreio, o tempo livre sem atividades, está ficando cada vez menor ou mais direcionado. As crianças estão dependentes do direcionamento dos adultos e muitos afirmam que elas não sabem mais brincar.

Quais as consequências disso?

Há um perigo latente na geração que cresce sem ter brincado, pintado, dançado, criado. São crianças que estão pulando fases essenciais no seu desenvolvimento, fases que acabam sendo vivenciadas tardiamente na adolescência e na idade adulta. Os papéis dentro da família têm se invertido, e muitas vezes crianças se tornam adultos precoces, e os adultos continuam sendo crianças na meia idade, tanto do ponto de vista emocional quanto no que se refere à adequação de interesses. Há uma grande crise de valores que já tem quase duas décadas, e é urgente reencontrarmos possibilidades de reequilibrar essa situação na sociedade, tanto no que diz respeito às propostas voltadas para as crianças quanto na orientação de educadores, cuidadores e pais, desde os bebês até o trabalho que deve ser realizado com adolescentes e adultos. [...]

“Crianças brincam menos e ficam dependentes dos adultos e da tecnologia”. O Estado de São Paulo. 16 jan. 2011. Disponível em: <www.estadao.com.br/noticias/geral,criancas-brincam-menos-e-ficam-dependentes-dos-adultos-e-da-tecnologia-imp-,666833>. Acesso em: 30 dez. 2019.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A coletânea aponta para transformações comportamentais significativas na forma de lidar com crianças, ainda que, algumas vezes, tais transformações sejam provenientes de um modo de vida adulto questionável.

Você se lembra com quantos anos parou de brincar? Será que parou efetivamente ou os tipos de brincadeira mudaram com o passar do tempo? Você considera importante que o humor, assim como a ludicidade, também esteja presente na vida adulta? Por quê?

Com base no seu repertório prévio e nas reflexões provocadas pelos textos-fonte, redija uma dissertação argumentativa sobre o tema: **O lugar da infância na sociedade contemporânea**. Lembre-se de planejar o seu texto, selecionando e organizando as ideias que você julgar mais pertinentes, e de elaborar um rascunho anterior à entrega da versão final. Dê um título à sua redação; utilize caneta azul ou preta e respeite o mínimo de 24 e o máximo de 30 linhas.

Boa produção!
Professora Andressa Tiozzi

TEXTO 3



BECK, Alexandre. Disponível em: <www.educandotudomuda.com.br/wp-content/uploads/2017/03/Ritalina-3.png>. Acesso em: 31 dez. 2019.